«Eu recuso espelhos», disse o Rei das Fadas. «Recuso-os por ti, e recuso-os por mim. Se quiseres ver o que és, olha para as poças formadas pela maré ao entardecer. Olha para o mar.»

DE *ANGHARAD* POR EMRYS MYRDDIN, 191 D. A.
(DEPOIS DO AFOGAMENTO)

UM

Tudo começou como todas as coisas: uma rapariga na praia, aterrorizada e ansiosa.

DE *ANGHARAD* POR EMRYS MYRDDIN, 191 D. A.

O cartaz estava tão desgastado e carcomido como uma página arrancada do livro preferido de alguém. *Certamente*, pensou Effy, *aquilo só podia ser intencional*. Estava impresso num pergaminho amarelo espesso, não muito diferente dos seus papéis de desenho. As bordas enroladas sobre si mesmas — de uma forma tímida ou protetora, como se o pergaminho escondesse um segredo.

Effy usou as duas mãos para alisar o papel e depois semicerrou os olhos para o texto em caligrafia rebuscada. Escrito à mão, estava manchado em vários lugares. Estava ainda mais obscurecido por causa de uma mancha de água indiscernível, como uma marca de nascença ou devido a bolor.

Aos estimados alunos da Faculdade de Arquitetura,

Os herdeiros do autor nacional de Llyr, EMRYS MYRDDIN, estão a solicitar projetos para uma casa senhorial do falecido autor nos arredores da cidade natal, Saltney, Baía dos Nove Sinos.

Pedimos que a estrutura proposta — MANSÃO HIRAETH — seja suficientemente grande para acolher os sobreviventes da família Myrddin, bem como a extensa coleção de livros, manuscritos, e cartas que Myrddin deixou.

Pedimos que os projetos reflitam o caráter de Myrddin e o espírito da sua vasta e influente obra.

Solicitamos que os projetos sejam enviados para o endereço abaixo indicado até meados do outono. O vencedor será contactado até ao primeiro dia de inverno.

Três condições, tal como num dos contos de fadas de Myrddin. O coração de Effy começou a bater muito depressa. Quase inconscientemente, estendeu a mão para agarrar no seu cabelo dourado, preso num coque com a habitual fita preta. Alisou as madeixas soltas que pairavam à volta do seu rosto na atmosfera modorrenta e soalheira do átrio da faculdade.

— Desculpe — disse alguém.

O olhar dirigiu-se para o ombro. Outro estudante de arquitetura com um casaco de *tweed* castanho estava atrás dela, oscilando para a frente e para trás com um ar de evidente irritação.

— Só um minuto — pediu ela. — Ainda não acabei de ver.

Ela odiava a maneira como a sua voz vacilava. O outro aluno bufou em resposta. Effy voltou-se para o cartaz, a pulsação anda mais acelerada agora. Mas não havia mais nada para ler, apenas o endereço no final, nenhuma assinatura, nenhum desejo de *boa sorte!* no final.

O outro aluno começou a bater o pé. Effy enfiou a mão na mala e vasculhou-a até encontrar uma caneta, sem tampa e claramente abandonada sem cerimónia, com a ponta coberta de pó. Pressionou-a contra a ponta do dedo, mas não surgiu nenhuma gota de tinta.

O seu estômago revirou-se. Ela pressionou-a novamente. O rapaz atrás dela mudou de posição, a madeira velha do pavimento por baixo dele rangeu, e Effy colocou a caneta na boca e chupou até sentir o gosto metálico da tinta.

— Por amor dos Santos — disse o rapaz.

Apressadamente, rabiscou o endereço nas costas da mão e guardou a caneta na mala. Afastou-se da parede, do cartaz e do rapaz, antes que ele pudesse fazer ou dizer mais alguma coisa. Enquanto caminhava rapidamente pelo corredor, Effy ainda ouviu o rapaz a praguejar baixinho.

O calor subiu-lhe ao rosto. Chegou à sala de aula e sentou-se no seu lugar habitual, evitando os olhares dos outros alunos enquanto se dirigiam para os seus lugares. Em vez disso, olhou para baixo, para a tinta que se derramava nas costas da sua mão. As palavras estavam a começar a esbater, como se o endereço fosse um feitiço, com uma duração de vida assustadoramente curta.

A magia cruel era a moeda corrente do Povo das Fadas conforme aparecia nos livros de Myrddin. Ela tinha-os lido tantas vezes que a lógica do mundo dele estava sobreposta ao dela, como o papel vegetal brilhante sobre o original.

Effy concentrou-se nas palavras, guardando-as na memória antes que a tinta se tornasse ilegível. Se estreitasse os olhos até lacrimejarem, quase conseguia esquecer o insulto sussurrado pelo rapaz. Mas os pensamentos escaparam-lhe, percorrendo todas as razões pelas quais ele poderia ter zombado e escarnecido dela.

Primeiro: Ela era a única aluna mulher da faculdade de arquitetura. Mesmo que o rapaz nunca a tivesse visto nos corredores, certamente tinha visto o nome dela nos resultados dos exames e, mais tarde, no átrio, na lista afixada dos alunos admitidos na faculdade. Três dias antes, um aluno anónimo tinha pegado numa caneta e alterado o seu apelido, *Sayre*, para algo obsceno, preservando as duas últimas letras.

Segundo: Era a única aluna mulher da faculdade de arquitetura e tinha obtido melhor nota do que ele no exame de admissão. Tinha tido notas altas o suficiente para a faculdade de literatura, mas eles não aceitavam mulheres, então contentara-se com arquitetura: menos prestigiada, menos interessante e, no que lhe dizia respeito, monumentalmente mais difícil. A mente dela não funcionava em linhas retas e ângulos precisos.

Terceiro: Ele sabia sobre o Mestre Corbenic. Quando Effy pensava nele agora, era apenas em pequenos fragmentos. O relógio de ouro estava aninhado no pulso repleto de pelos escuros e grossos. A maturidade daquilo chocara-a, como um golpe no estômago. Poucos rapazes da faculdade dela — e era isso que eles eram, rapazes — tinham daqueles pelos grossos nos braços, que se dirá de relógios de pulso caros para os adornar.

Effy fechou os olhos com força, desejando que a imagem desaparecesse. Quando os abriu novamente, o quadro negro à sua frente parecia vítreo, como uma janela à noite. Ela conseguia imaginar mil coisas desfocadas e semivisíveis por trás dela.

O seu professor de ateliê, o Mestre Parri, estava a fazer a sua habitual introdução, apenas em argantiano. Era uma política nova na universidade, instituída apenas no início do primeiro semestre, há seis semanas. Oficialmente, era um gesto de respeito pelos poucos estudantes argantianos da universidade, mas informalmente havia uma espécie de medo preventivo. Se Argant ganhasse a guerra, será que imporiam o seu idioma a toda a Llyr? As crianças cresceriam a moldar os seus sons das vogais e os verbos em vez de memorizarem a poesia llyriana?

Talvez seja uma boa ideia que todos na universidade tenham uma vantagem inicial.

Mas mesmo quando o Mestre Parri voltou ao llyriano, a mente de Effy ainda estava a rodopiar, como um cão incapaz de se acalmar para adormecer. O Mestre Parri queria que os alunos concluíssem dois cortes transversais até ao final da aula. Ela escolhera fazer uma remodelação do Museu dos Adormecidos. Era a atração turística mais prezada da cidade de Caer-Isel, bem como o suposto repositório da magia llyriana. Ali, os sete Narradores de Histórias dormiam nos seus caixões de vidro, protegendo silenciosamente Llyr contra ameaças e, segundo alguns, aguardando o momento mais sombrio do país para se erguerem novamente e protegerem a sua terra natal. Ou era uma superstição provinciana ou uma verdade absoluta, dependendo da pessoa a quem se perguntasse.

Desde que Myrddin fora sepultado, pouco antes do início do seu ano letivo, os ingressos tinham-se esgotado e as filas para o museu ocupavam todo o quarteirão. Effy tentou fazer a visita por três vezes, esperando horas apenas para ser rejeitada na bilheteira. Então, simplesmente teve de imaginar como seriam os Narradores, desenhando a lápis as feições dos seus rostos adormecidos. Ela teve uma especial atenção com o rosto de Myrddin. Mesmo na morte, ele parecia sábio e gentil, da forma que ela pensava que um pai seria.

Mas agora, à medida que a voz de Parri chegava incessantemente sobre ela como a maré baixa contra a costa, Effy abriu o seu caderno

de desenhos numa nova página e escreveu a lápis as palavras *MANSÃO HIRAETH*.

Depois da aula, Effy foi para a biblioteca. Entregara apenas um dos seus cortes transversais, que não saíra muito bem. A cota estava totalmente errada — desequilibrada, como se o museu tivesse sido construído numa encosta escarpada, em vez de no centro meticulosamente paisagístico de Caer-Isel. Os edifícios da universidade curvavam-se à sua volta como uma concha, todos em mármore claro e pedras amarelas como o Sol.

Nunca teria sonhado em entregar um trabalho tão mau na escola secundária na sua cidade. Mas nas seis semanas desde que começara a universidade, muita coisa mudara. Se chegara a Caer-Isel com esperança, ou paixão, ou mesmo apenas uma mesquinha competitividade, tudo se tinha desvanecido rapidamente. O tempo parecia comprimido e infinito. Rolava sobre ela, como se fosse uma estátua afundada no fundo do mar, mas também a sacudia e a agitava, um corpo inerte nas ondas.

No entanto, agora as palavras *Mansão Hiraeth* estavam cativas na sua mente como um anzol, impulsionando-a em direção a algum propósito, algum objetivo, mesmo que este fosse indistinto. Talvez especialmente porque era indistinto. Sem detalhes práticos incómodos, era muito mais fácil imaginar que o objetivo estava ao seu alcance.

A biblioteca não ficava localizada a mais de cinco minutos da faculdade de arquitetura, mas o vento que soprava do lago Bala fustigava-lhe o rosto e dava-lhe rajadas gélidas nos cabelos, o que fazia parecer que o percurso era mais longo. Empurrou então as portas duplas com pressa, exalando um suspiro frio. Por fim entrou e foi envolvida por um silêncio repentino e denso.

No seu primeiro dia na universidade — um dia antes do Mestre Corbenic —, Effy visitara a biblioteca e adorara. Tinha entrado clandestinamente com uma chávena de café e encontrara o caminho até uma das salas abandonadas no sexto andar. Até o elevador parecia exausto quando chegou ao patamar, gemendo, arquejando e emitindo um barulho que pareciam pequenos ossos a serem sacudidos dentro da caixa de um colecionador.

O sexto andar albergava os livros mais antigos sobre os assuntos mais obscuros: tomos sobre a história da indústria de caça às *selkies* de Llyr (um campo surpreendentemente lucrativo, descobrira Effy, antes das *selkies* serem caçadas até à extinção). Um guia de campo sobre fungos argantianos, com uma nota de rodapé de várias páginas sobre como distinguir as trufas argantianas das variedades muito superiores de Llyr. Um relato de uma das muitas guerras de Llyr e Argant, contada da perspetiva de uma espingarda senciente.

Effy tinha-se escondido na alcova mais recôndita que conseguiu encontrar, sob uma janela com marcas de chuva, e leu aqueles livros misteriosos. Ela procurava especialmente livros sobre fadas, e passara horas a folhear um livro sobre círculos de fadas nos arredores de Oxwich, e depois outro sobre etnografia de outro professor falecido há muito tempo sobre o Povo das Fadas que lá encontrara. Tais relatos, com séculos de existência, foram descartados pela universidade como sendo superstição sulista. Os livros que ela encontrou estavam maldosamente arquivados na categoria *Ficção.*

Mas Effy acreditava neles. Ela acreditava em tudo: nos relatos académicos, no supersticioso folclore sulista, na poesia épica que alertava para os artifícios do Rei das Fadas. Se ao menos pudesse ter estudado literatura, teria escrito os seus próprios tratados impetuosos em apoio à sua crença. Estar presa na faculdade de arquitetura era como estar silenciada, amordaçada.

No entanto, agora, ali no átrio, a biblioteca tornou-se subitamente um lugar aterrador. A solidão que antes a confortava tornou-se um enorme espaço vazio onde tantas coisas más podiam acontecer. Ela não sabia exatamente *o quê* — era apenas um pavor confuso e impreciso. O silêncio era uma pausa antes do desastre inevitável, como observar um copo a oscilar em direção à borda de uma mesa, antecipando o momento em que tomba e se estilhaça. Ela não entendia inteiramente por que motivo as coisas que antes lhe eram familiares lhe pareciam agora hostis e estranhas.

Ela não tinha intenção de se demorar ali hoje. Subiu a imensa escadaria de mármore, os seus passos a ecoar tenuemente. O teto abobadado e os entalhes de madeira que o atravessavam faziam-na sentir-se

como se estivesse dentro de uma caixa de joias antiga muito elaborada. Partículas de pó flutuavam em colunas de luz dourada.

Chegou ao balcão de atendimento em forma de ferradura e colocou as duas mãos sobre a madeira envernizada. A mulher atrás do balcão olhou para ela com desinteresse.

— Bom dia — disse Effy, com o sorriso mais radioso que conseguiu fazer. A saudação era um equívoco. Eram duas e quinze da tarde. Mas ela só estava acordada há três horas, tempo suficiente apenas para se vestir e ir para a aula de ateliê.

— O que é que procura? — perguntou a bibliotecária, impassível.

— Tem algum livro sobre Emrys Myrddin?

A expressão da mulher mudou, os seus olhos estreitaram-se com desdém.

— Tem de ser mais específica do que isso. Ficção, não ficção, biografia, teoria…

— Não ficção — Effy interrompeu rapidamente. — Qualquer coisa sobre a sua vida, a sua família. — Na esperança de conquistar a simpatia da bibliotecária, ela acrescentou: — Já tenho todos os seus romances e poesias. É o meu autor preferido.

— De si e de metade da universidade — disse a mulher com desprezo. — Espere aqui.

Ela desapareceu por uma porta atrás do balcão de atendimento. Effy sentiu comichão no nariz devido ao cheiro de papel velho e a mofo. Das salas adjacentes podia ouvir o movimento das páginas a serem viradas e a deslocação lenta das pás das ventoinhas de teto.

— Olá — disse alguém.

Era o rapaz do átrio da faculdade, aquele que aparecera por trás dela para ver o cartaz. O seu casaco de *tweed* estava agora debaixo do braço, os suspensórios bem esticados sobre uma camisa branca.

— Olá — disse ela. Foi mais um reflexo do que qualquer outra coisa. A palavra soou estranha em todo aquele espaço vazio e silencioso. Ela tirou as mãos do balcão.

— Estás na faculdade de arquitetura, certo? — perguntou ele, mas não tinha o tom de uma pergunta.

— Sim — respondeu ela, hesitante.

— Eu também. Vais enviar uma proposta? Para o projeto da Mansão Hiraeth?

— Penso que sim. — De repente teve a estranha sensação de estar debaixo de água. Ultimamente, isso andava a acontecer-lhe com alguma frequência. — E tu?

— Acho que sim. Podíamos trabalhar nisso juntos, sabes. — A mão do rapaz enrolou-se à volta da borda do balcão de atendimento, a intensidade do seu aperto deixou-lhe os nós dos dedos brancos. — Quero dizer, enviar uma proposta em conjunto. Não há nada nas regras que diga o contrário. Juntos teríamos mais hipóteses de ganhar o contrato. Isso tornar-nos-ia famosos. Seríamos contratados pelos ateliês de arquitetura mais prestigiados de Llyr assim que nos licenciássemos.

A recordação do murmúrio insolente do rapaz zumbia no fundo da sua mente, silencioso, mas insistente.

— Não tenho a certeza. Acho que já sei o que vou fazer. Passei toda a aula de ateliê a desenhar. — Ela deu uma risada suave, na esperança de suavizar a dor da rejeição.

O rapaz não se riu, nem devolveu o sorriso. Por um longo momento, o silêncio prolongou-se entre eles.

Quando voltou a falar, a sua voz era baixa.

— És tão bonita. És mesmo. És a rapariga mais linda que eu já vi. Sabias disso?

Se ela dissesse *sim, sei*, pareceria pura arrogância. Se abanasse a cabeça e rejeitasse o elogio, estava a ser falsamente modesta, fingindo timidez. Era um truque semelhante aos das fadas. Não havia resposta que não a condenasse.

Então ela respondeu, atrapalhada:

— Talvez possas ajudar-me com os cortes transversais do ateliê de Parri. Os meus estão muito maus.

O rapaz animou-se, endireitando-se para parecer mais alto.

— Claro — disse ele. — Deixa-me dar-te o meu número.

Effy tirou a caneta da mala e ofereceu-lha. Ele apertou os dedos em volta do pulso dela e escreveu sete dígitos nas costas da sua mão. Aquela mesma torrente de ruído branco, como o da chuva intensa, abafou tudo outra vez, até mesmo o barulho das ventoinhas.

A porta atrás do balcão de atendimento abriu-se e a mulher regressou. O rapaz soltou-lhe a mão.

— Muito bem — disse ele. — Liga-me quando quiseres trabalhar nos teus cortes transversais.

— Está bem.

Effy esperou até que ele desaparecesse escada abaixo para voltar a sua atenção para a bibliotecária. Tinha a mão dormente.

— Lamento — disse a bibliotecária. — Alguém requisitou tudo sobre Myrddin.

Ela não pôde evitar o tom agudo da sua voz quando repetiu:

— *Tudo?*

— Parece que sim. Não estou surpreendida. Ele é um tema popular para as teses. Como acabou de morrer, há muito terreno fértil. Potencial inexplorado. Todos os estudantes de literatura estão ansiosos por serem os primeiros a escrever a narrativa da sua vida.

O seu estômago revirou-se.

— Então foi um estudante de literatura que os requisitou?

A bibliotecária assentiu com a cabeça. Enfiou a mão debaixo da mesa e tirou o livro de registos, cada linha e coluna preenchida com títulos de livros e nomes dos requerentes. Abriu uma página que listava uma série de títulos biográficos e obras de receção. Na coluna de *Requerente* estava o mesmo nome, escrito repetidas vezes com uma caligrafia apertada, mas precisa: *P. Héloury*.

Um nome *argantiano*. Effy sentiu-se como se tivesse levado um murro.

— Bem, obrigada pela sua ajuda — disse ela, com a voz subitamente embargada por um nó de lágrimas emergentes. Pressionou as unhas na palma da mão. Não podia chorar ali. Já não era uma criança.

— Claro — disse a bibliotecária. — Ligo-lhe quando devolverem os livros.

Lá fora, Effy esfregou os olhos até parar de lacrimejar. Era tão injusto. É claro que um estudante de literatura chegara primeiro aos livros. Eles passavam os dias a agonizar com cada estrofe da famosa poesia de Myrddin, com cada verso do seu romance mais famoso, *Angharad*. Tinham de fazer todos os dias o que Effy só tinha tempo para fazer à

noite, depois de terminar os seus trabalhos apressados de arquitetura. Debaixo dos lençóis, sob uma pálida luz do abajur, debruçava-se sobre o seu exemplar gasto de *Angharad,* que estava permanentemente em cima da mesa de cabeceira. Conhecia cada fissura na lombada, cada vinco nas páginas.

E um *argantiano.* Ela não conseguia entender como é que *havia* um na faculdade de literatura, que era a mais prestigiada da universidade, e especialmente um que estava a estudar Myrddin. Ele era o autor nacional de *Llyr*. Tudo aquilo parecia uma terrível reviravolta do destino, uma bofetada pessoal e rancorosa na face. O nome, na sua caligrafia exata, pairava na sua mente: *P. Héloury.*

Porque é que ela tinha pensado que isto podia funcionar? Effy não era uma grande arquiteta; só tinham passado seis semanas do primeiro semestre na universidade e já corria o risco de ser reprovada em duas cadeiras. Três, se não entregasse aqueles cortes transversais. A sua mãe dir-lhe-ia para não perder tempo. *Concentra-te apenas nos estudos*, diria. *Nos teus amigos. Não te esforces a correr atrás de algo fora do teu alcance.* Ela não queria ser cruel.

Os teus estudos, ecoou a voz imaginada da sua mãe, e Effy pensou no olhar de desdém do Mestre Parri. Ele levantara um corte transversal dela e sacudira-o até que a página ondulara, como se ela fosse um inseto que ele estivesse a tentar matar.

Os teus amigos. Effy olhou para o número nas costas da mão. Os números 0 e 8 do rapaz eram protuberantes e gordos, como se ele estivesse a tentar cobrir o máximo possível da pele dela com tinta azul. De repente, sentiu-se enjoada.

Alguém passou por ela com vigor e Effy percebeu que estava a bloquear a porta da biblioteca. Pestanejando, envergonhada, desceu a correr os degraus e atravessou para o outro lado da rua, desviando-se de dois carros pretos barulhentos. Havia ali um pequeno cais com vista para o lago Bala. Inclinou-se sobre o corrimão e esfregou o terceiro nó da mão direita como se fosse um amuleto. Terminava ali, abruptamente, numa massa brilhante de tecido cicatrizado. Se o rapaz percebeu a ausência do dedo anelar dela, não comentara nada sobre isso.

As pessoas passavam por ela. Outros estudantes com mochilas de pele a caminho das aulas, cigarros apagados pendurados na boca. Turistas com as suas câmaras de grande angular moviam-se como uma massa estranha e hesitante em direção ao Museu dos Adormecidos. O estranho sotaque deles chegava até ela. Eles tinham de ser da região mais ao sul de Llyr, Cem Inferior.

Por baixo dela, as ondas do lago Bala batiam timidamente no cais de pedra. Espuma branca escumava como saliva na boca de um cão. Effy sentia uma frustração perigosa sob a mansidão da maré, algo acorrentado que queria ser libertado. Uma tempestade pode surgir tão rapidamente como um piscar de olhos. A chuva levaria a que um súbito desabrochar de guarda-chuvas pretos surgisse como cogumelos, e tiraria todos os turistas da rua.

Apenas vagamente, através do nevoeiro sempre presente, Effy pôde vislumbrar o outro lado do lago e a terra verde que ali se estendia. Argant, o vizinho beligerante a norte de Llyr. Ela costumava pensar que o problema era que os argantianos e os llyrianos eram muito diferentes, e era por isso que não conseguiam deixar de estar em guerra e de se odiarem. Agora, depois de viver seis semanas na cidade dividida, entendeu que o problema era o oposto. Argant sempre alegara que os tesouros e as tradições de Llyr eram realmente seus. E Llyr acusara sempre Argant de roubar os seus heróis e as suas histórias. A nomeação de autores nacionais, que acabariam por se tornar Adormecidos, era um esforço llyriano para produzir algo que Argant não pudesse tomar.

Era uma tradição arcaica, mas seguida obedientemente, mesmo que a maioria dos nortenhos não acreditasse no que dizia a superstição sulista: que quando os tanques de Llyr avançavam por aquela terra verde, quando as suas espingardas espreitavam das trincheiras que haviam cavado no solo argantiano, era a magia dos Adormecidos que os protegia. Que quando as armas argantianas encravavam ou uma névoa fora de época se disseminava pelo campo de batalha, isso também era graças à magia dos Adormecidos.

Nos últimos anos, a guerra estava num impasse. Ocasionalmente, o céu ressoava com o som de disparos distantes, mas podia facilmente ser confundido com trovões. Os habitantes de Caer-Isel, incluindo

Effy, aprenderam a tratar aqueles sons como o ruído branco do trânsito, irritante, mas inevitável. Com a consagração de Myrddin como Adormecido, ela esperava que as probabilidades pudessem virar a favor de Llyr.

Ela não tinha escolha senão acreditar na magia dos Adormecidos, na magia de Myrddin. Foi a base sobre a qual a sua vida foi edificada. Embora tivesse lido *Angharad* pela primeira vez aos 13 anos, já sonhava com o Rei das Fadas muito antes disso.

Um jato de água salgada beijou-lhe o rosto. Que se lixe aquele estudante de literatura, aquele argantiano, P. Héloury. Que se lixe Parri e aqueles cortes transversais terríveis. Ela estava cansada, exausta de se esforçar tanto por algo que nem sequer queria. Estava cansada de ter medo de ver o Mestre Corbenic no corredor ou no átrio da faculdade. Estava cansada das memórias que lhe passavam por trás das pálpebras à noite, aqueles pequenos fragmentos: a dimensão enorme dos nós dos dedos dele a embranquecer enquanto o seu punho fechava e abria.

Effy levantou-se e atou o cabelo. No alto, o céu tinha ficado da cor de ferro, as nuvens densas com uma fúria sinistra. O elétrico ressoou rua abaixo, mais alto do que o trovão que se aproximava — desta vez um trovão verdadeiro, não um tiroteio. Ela abotoou o casaco e correu em direção ao dormitório quando a chuva começou a cair.

Entrou a cambalear no dormitório com o cabelo molhado, a água a pingar das pestanas e a acumular-se nas botas. Effy descalçou-as e atirou-as para o corredor, onde caíram com dois baques abafados. É claro que o dia de hoje terminaria com ela a ser apanhada num dos miseráveis aguaceiros de outono de Caer-Isel, apesar da pressa de escapar da chuva.

Tendo extravasado um pouco da sua fúria abandonada, Effy pendurou o casaco com mais calma e torceu o cabelo.

A porta do quarto da sua colega de quarto abriu-se hesitante.

— Effy?

— Desculpa — disse ela, com um rubor a subir-lhe pelo pescoço. As suas botas ainda estavam caídas ao fundo do corredor. — Não sabia que estavas em casa.

— Está tudo bem. A Maisie também está aqui.

Effy assentiu com a cabeça e foi buscar as botas com uma espécie de constrangimento entorpecido. Rhia observava-a da porta, com os caracóis negros desfeitos e a blusa branca abotoada desordenadamente. Não era a primeira vez que Effy interrompia um momento íntimo entre Rhia e a sua namorada, o que tornava a situação ainda mais humilhante.

— Estás bem? — perguntou Rhia. — Está horrível lá fora.

— Estou bem. Mas não tinha guarda-chuva. E também posso acabar por ser reprovada a três cadeiras.

— Estou a ver. — Rhia franziu os lábios. — Parece que estás a precisar de uma bebida. Que é isso na tua mão?

Effy olhou para baixo. A chuva tinha feito a tinta azul escorrer pelo seu pulso.

— Ah — disse ela. — Fui atacada por uma lula gigante.

— Aterrorizante. Se te enxugares com uma toalha, podes entrar e beber um chá.

Effy esboçou um sorriso grato e foi para a casa de banho. Todos lhe disseram que os dormitórios da universidade eram nojentos, mas quando ela chegou, considerou-os uma espécie de aventura, como acampar na floresta. Agora era tudo simplesmente enfadonho e absurdamente nojento. A argamassa entre os azulejos estava imunda e havia um anel laranja e nauseante de espuma de sabão ao redor da borda da banheira. Quando tirou a toalha do cabide, viu uma aranha sobrenaturalmente enorme fugir e desaparecer por uma fissura na parede. Ela nem tinha energia para gritar.

Quando voltou para o corredor, mais seca, a porta de Rhia estava aberta, o seu quarto repleto de uma luz amarela suave. Maisie estava sentada à beira da cama, com uma caneca fumegante na mão e o cabelo ruivo preso num coque apressado.

— Vi o *Watson* lá dentro — disse Effy, desabando na cadeira da secretária de Rhia.

— Não, eu esmaguei o *Watson*, lembras-te? Esse é o *Harold*.

— Certo — disse Effy. — O *Watson* teve um fim glorioso. Os seus restos mortais levaram dez minutos a ser removidos da parede da casa de banho.

Enquanto Rhia enchia a caneca de Effy, Maisie perguntou:

— Porque é que todas as aranhas têm nomes de homens?

— Porque assim é mais satisfatório esmagá-las — explicou Rhia, sentando-se ao lado dela na cama. Ao vê-la aninhada em Maisie daquela forma, com uma intimidade tão descontraída, Effy teve a súbita sensação de ser uma intrusa.

Era um sentimento perene, essa sensação de não ser bem-vinda. Não importava onde estivesse, Effy teve sempre medo de não ser desejada. Ela bebeu um gole de chá. O calor da bebida ajudou a aliviar um pouco o seu desconforto.

— Então, acho que vou chumbar a três cadeiras — disse ela. — E ainda estamos a meio do outono.

— É bom que ainda estejamos a meio do outono — disse Maisie. — Assim tens muito tempo para recuperar.

Rhia brincou distraidamente com uma madeixa de cabelo de Maisie.

— Ou podias simplesmente desistir. Podias juntar-te a nós na faculdade de música. A orquestra precisa de mais flautistas.

— Se conseguires ensinar-me a tocar flauta durante a próxima semana, considera isto um acordo.

Ela não referiu que, por mais frustrante que fosse, a arquitetura dava-lhe menos vontade de desistir do que a música. A faculdade de arquitetura era a segunda mais prestigiada da universidade. Se não podia estudar literatura como era o seu desejo, pelo menos podia fingir que a arquitetura sempre fora a sua primeira escolha.

— Não sei se isso é totalmente realista, meu amor — disse Maisie. Ela virou-se para Effy. — Então, que *vais* fazer?

Effy quase lhes contou sobre o cartaz. Sobre Emrys Myrddin e a Mansão Hiraeth e o novo desenho no seu bloco de desenho. Rhia era impulsiva e tinha sempre muitas ideias malucas, incluindo, mas não se limitando a, *vou ensinar-te a tocar flauta numa semana* e *vamos esgueirar-nos até ao telhado da faculdade de astronomia*, mas Maisie era irritantemente sensata. Ela teria dito a Effy que era uma loucura pensar nisso.

Naquele momento, a possibilidade da Mansão Hiraeth, o sonho, pertencia a ela e somente a ela. Mesmo que fosse inevitável que tudo desabasse, queria continuar a sonhar por mais algum tempo.

Por isso, acabou por encolher os ombros e deixou Rhia tentar convencê-la a tocar órgão. Effy terminou de beber o chá e desejou boa noite às outras raparigas. Mas quando voltou para o quarto, não sentia a menor vontade de dormir. A frustração e a ansiedade sob a sua pele não desapareciam.

Sentou-se na cama por fazer e pegou no seu exemplar gasto de *Angharad*.

Angharad era a obra mais famosa de Myrddin. Narrava a história de uma jovem que se tornara noiva do Rei das Fadas. O Povo das Fadas era cruel, astuto e muito cobiçoso. Os seres humanos eram brinquedos nas mãos deles, divertiam-se com a sua mortalidade mesquinha e frágil. O encanto do Povo das Fadas fazia-os parecer hipnoticamente belos, como uma cobra de padrões vistosos que possui uma mordida mortal. Usavam os seus encantamentos para que os humanos tocassem violino até lhes caírem os dedos ou dançassem até os pés sangrarem. No entanto, Effy às vezes também dava por si meio apaixonada pelo Rei das Fadas. O lado sensível da sua crueldade fazia-lhe palpitar o coração. Havia uma intimidade no meio de toda a violência, supunha ela. Quanto melhor se conhece uma pessoa, mais terrivelmente se pode magoá-la.

No livro, a protagonista tinha os seus truques para iludir e enfeitiçar o Rei das Fadas: pão e sal, sinos de prata, ramos de sorveira, um espartilho de ferro. Effy tinha os seus comprimidos para dormir. Ela podia engolir um, às vezes dois, e cair num sono sem sonhos.

Observou a contracapa do livro, onde a foto e a biografia do autor de Myrddin estavam impressas. Ele tinha sido um eremita e um recluso, especialmente nos últimos anos antes da sua morte. Os artigos de jornal escritos sobre ele eram rígidos e formais, e ele tinha a fama de recusar todas as entrevistas. A fotografia a preto-e-branco cheia de grão e tirada a uma grande distância mostrava apenas o perfil de Myrddin. Ele estava de pé diante de uma janela, a sua silhueta escura, o rosto afastado da câmara. Pelo que Effy sabia, era a única fotografia que existia de Myrddin.

Qualquer casa que honrasse Myrddin teria de ser igualmente misteriosa. Haveria mais algum outro aluno da faculdade de arquitetura que entendia isso? Que conhecia as suas obras de trás para a frente? Effy

duvidava disso. Os outros só queriam o prestígio, o prémio em dinheiro, como o rapaz da biblioteca. Nenhum deles se importava que aquele fosse *Myrddin.* Nenhum deles acreditava na magia antiga.

Os seus comprimidos para dormir ficaram intocados na cómoda naquela noite. Em vez disso, Effy pegou no seu bloco de desenho e desenhou até amanhecer.

DOIS

Contar histórias é uma arte que merece a maior reverência, e os contadores de histórias devem ser considerados guardiões da herança cultural llyriana. Como tal, a faculdade de literatura detém o mais exclusivo dos cursos de licenciatura da universidade, exigindo as mais altas notas nos exames e o cumprimento dos requisitos mais rigorosos. De acordo com isso, seria inadequado admitir mulheres que não demonstraram, enquanto género, grande habilidade nas faculdades de análise ou compreensão literária.

EXCERTO DE UMA CARTA DE SION BILLOWS POR OCASIÃO DA FUNDAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE LLYR, 680 A. A.

— Então vais mesmo — disse Rhia.

Effy assentiu com a cabeça, engolindo um gole quente de café. Ao redor delas, outros estudantes estavam com as cabeças inclinadas sobre os livros, mãos manchadas de tinta agarradas a canetas, lábios mordidos em concentração. Ouvia-se o barulho e o zumbido da máquina de café e o som de pratos a tilintar enquanto as tartes e os *scones* eram servidos. O Poeta Sonolento era o café preferido dos estudantes em Caer-Isel, e ficava a apenas um quarteirão do Museu dos Adormecidos.

— Não estou a tentar ser desmancha-prazeres… mas que os Santos me perdoem se pareço a Maisie, mas não achas que é tudo um pouco estranho? Quero dizer, porque é que eles escolheriam uma estudante de arquitetura do primeiro ano para um projeto tão grandioso?

Effy enfiou a mão na mala e tirou uma folha de papel dobrada. Contornando a sua chávena de café e o bolo meio comido de Rhia, ela alisou-a sobre a mesa e depois esperou que Rhia esticasse o pescoço para ler o que estava escrito em tinta escura e numa letra elegante.

Prezada menina Sayre,

Estou a escrever para a felicitar pela sua proposta para o projeto da Mansão Hiraeth ter sido selecionada. Recebi muitas propostas, mas a sua foi, de longe, a que considerei que melhor honrou o legado do meu pai.

Tenho o prazer de convidá-la para vir a Saltney, de modo que possa falar pessoalmente consigo sobre o seu projeto. No final da sua estada, espero ter um conjunto de plantas finalizadas para darmos início ao projeto rapidamente.

Para chegar a Hiraeth, embarque no primeiro comboio de Caer-Isel para Laleston e depois mude para o comboio com destino a Saltney. Peço desculpa antecipadamente pela longa e árdua jornada. Pedirei ao meu advogado, Sr. Wetherell, para a ir buscar à estação.

Com grande entusiasmo,
Ianto Myrddin

Assim que Rhia ergueu os olhos da carta, Effy disse apressada:

— Já mostrei ao reitor Fogg. Ele deu-me permissão para me ausentar durante as próximas seis semanas para ir a Saltney trabalhar na casa. *E está* a tentar convencer o Mestre Parri a contabilizar isso como crédito para a cadeira. — Ela tentou parecer presunçosa, embora se sentisse, sobretudo, aliviada. Gostava de ter lá estado para ver o Mestre Parri a franzir o nariz enquanto o reitor Fogg lhe dava a notícia.

— Bem — disse Rhia passado um momento —, suponho que isso pareça bastante legítimo. Mas Cem Inferior é muito diferente daqui, sabes.

— Eu sei. Comprei uma capa de chuva nova e uma dúzia de camisolas novas.

— Não estou a falar disso — disse Rhia, com um ligeiro sorriso. — Quero dizer, lá em casa, todos acreditam que os Adormecidos

são o que impede Argant de bombardear Llyr inteira em pedaços. Santos, os meus pais estavam convencidos de que haveria um segundo Afogamento, antes de Myrddin ser consagrado. Aqui ninguém acredita nos Adormecidos.

Mas eu acredito. Effy guardou o pensamento para si. Rhia era do Sul e falava sempre com desdém sobre a sua pequena cidade natal e as pessoas profundamente religiosas de lá. Effy não se sentia confortável para debater isso com ela — e também não queria confessar as suas próprias crenças. Aquele tipo de superstição não combinava com uma boa rapariga do Norte, de uma família tradicional do Norte, na segunda faculdade mais prestigiada de Llyr.

Então, Effy manteve os seus verdadeiros pensamentos para si mesma e, em vez disso, comentou:

— Eu entendo. Mas não vou ficar lá muito tempo. E prometo não voltar com cheiro a maresia.

— Oh, vais voltar meio peixe — disse Rhia. — Acredita em mim.

— Que parte?

— A metade inferior — disse ela, após um momento de reflexão.

— Pensa no dinheiro que vou poupar em sapatos.

A biblioteca estava abençoadamente vazia, provavelmente em parte devido ao frio. A névoa descia das colinas verdes de Argant e pairava sobre Caer-Isel como uma horda de fantasmas. A torre sineira da universidade envergava o nevoeiro como se fosse um véu de luto de viúva. Os estudantes deixaram de fumar debaixo do pórtico da biblioteca porque tinham medo de serem empalados por pingentes de gelo pendurados. Todas as manhãs, a estátua do fundador da universidade, Sion Billows, ficava coberta por uma nova camada de gelo.

Effy nunca tinha recebido uma chamada da bibliotecária a propósito dos livros de Myrddin. Quem quer que fosse P. Héloury, claramente não iria devolvê-los tão cedo. Essa conclusão consumiu-a durante três semanas, uma raiva latente instalada no fundo da sua barriga. Praticava discussões com ele na sua mente, imaginava cenários de onde assomava orgulhosa e vitoriosa dessas disputas verbais. Mas nada disso realmente aliviou a sua fúria.

Naquele momento, porém, Effy estava na biblioteca por um motivo diferente. Apanhou o elevador até à secção de geografia no terceiro andar. A sala estava repleta de um labirinto de estantes de livros, que criavam muitos cantos empoeirados e ocultos. Retirou um grande atlas de uma prateleira e encontrou um daqueles cantos, mesmo por baixo de uma janela matizada de gelo.

Abriu o livro e viu um mapa da ilha. Lá estava o rio Naer, que a atravessava verticalmente, como a veia azul nas costas da mão dela. Ali estava Caer-Isel, é claro — com uma nota de rodapé que a lembrava do nome argantiano da cidade, Ker-Is —, um grande pedaço de destroços no centro do lago Bala.

A fronteira oficial entre Llyr e Argant era uma grande vedação de aço, encimada por espirais de arame farpado. Atravessava o centro da cidade, quase ao lado do Museu dos Adormecidos. Effy foi vê-la durante a sua primeira semana na universidade, e o seu aspeto austero e dominante tinha-a deixado atónita. Uma série de seguranças vestidos de cinzento estavam posicionados ao longo da vedação, inexpressivos sob os chapéus de pele. Ela observou um pequeno grupo — uma família — a chegar do lado de Argant e a iniciar o longo processo de desdobramento de papéis e passaportes, os movimentos enérgicos dos guardas, e os rostos das crianças a ficar cada vez mais corados à medida que se expunham ao frio. Por cima deles, as duas bandeiras guerreavam entre si e com o vento: a serpente negra num campo verde de Argant, e a serpente vermelha num campo branco de Llyr. Passado algum tempo, tornou-se muito difícil assistir, e Effy saiu apressada, sentindo uma estranha sensação de vergonha.

O seu dedo percorreu o mapa. O norte de Llyr era formado por colinas verdejantes, uma manta de retalhos de luz solar e neblina, repleta de árvores baixas e casas de pedra, pequenas cidades com ruas estreitas e a maior cidade, Draefen. Era a capital administrativa de Llyr e onde ficava a casa da sua família, onde Effy cresceu com a mãe e os avós. Draefen estava confortavelmente localizada num vale entre dois picos de montanhas, abrangendo ambos os lados do rio Naer. O céu estava coberto de nuvens e fumo de fábrica, e a linha do horizonte era recortada por cristas de velas brancas, como barbatanas de monstros do lago

nos quais já ninguém do Norte acreditava. Ela pensou que ver aquilo, mesmo que fosse apenas um esboço num pergaminho, poderia deixá-la com saudades de casa, mas sobretudo fazia-a recordar-se dos cheiros a óleo, sal e tripas de peixe. Os olhos de Effy moviam-se rapidamente.

E então, ao sul de Draefen, ao sul de Laleston, a última cidade que alguém com bom senso tinha motivos para visitar era Cem Inferior. As centenas de quilómetros mais a sul de Llyr eram formados por uma costa escarpada e aldeias piscatórias, falésias brancas em ruínas e praias feias e rudes com seixos que cortavam as botas. Até a ilustração parecia apressada, como se o artista quisesse acabá-la para poder passar para algo mais interessante.

A Baía dos Nove Sinos parecia a dentada que um cão havia dado num pedaço de carne velha e podre. Effy passou o polegar por ela, traçando o contorno serrilhado da enseada. E Emrys Myrddin era *dali*, mesmo no fundo de Cem Inferior, um lugar tão sombrio e remoto que Effy mal conseguia imaginá-lo. *Era tão diferente que poderia muito bem ser outro país*, pensou ela. Outro mundo.

O som da porta a abrir-se sobressaltou Effy. Ela espreitou por trás da estante e viu outro estudante a entrar na sala, com o casaco debaixo do braço, ainda a respirar com dificuldade por causa do frio. Ele pousou o casaco e a mochila sobre uma das mesas e moveu-se na sua direção, e um arrepio percorreu a espinha da jovem. A ideia de ele se aproximar dela, sentada no chão, a um canto, era ao mesmo tempo embaraçosa e estranhamente aterrorizante. Effy levantou-se e tentou desaparecer discretamente da vista, mas ele viu-a mesmo assim.

— Olá — disse ele. A sua voz parecia bastante amigável.

— Olá — respondeu ela lentamente.

— Desculpa… não precisas de te ir embora. Há espaço suficiente aqui para nós os dois, acho. — Ele sorriu, mostrando apenas a ponta mais ténue dos dentes.

— Não há problema — disse ela. — Eu já me ia embora de qualquer maneira.

Effy tentou passar por ele, devolver o atlas ao seu lugar na prateleira, mas o rapaz não se afastou para a deixar passar até ao último segundo, por isso os seus braços tocaram-se. O seu coração saltou na garganta.

Estúpida, repreendeu-se imediatamente. *Ele não fez nada de mal.* Mesmo assim, o ar na sala de repente pareceu maciço e denso. Ela tinha de sair dali.

Então o seu olhar deparou com o emblema no casaco dele. Era a insígnia da faculdade de literatura.

— Oh! — disse ela, abruptamente e muito alto. — Estudas literatura?

— Sim. — Os seus olhos cruzaram-se. — Sou do primeiro ano. Porquê?

— Estava a pensar… — Ela hesitou. Tinha a certeza de que o pedido pareceria estranho. Mas a curiosidade mórbida e amarga atormentava-a há muito tempo. — Conheces algum aluno argantiano na tua faculdade?

Ele franziu a testa.

— Acho que não. Bem, talvez uns dois, no segundo ou terceiro ano. Mas não é comum. Imagino que saibas porquê. Quero dizer, quantos argantianos querem estudar literatura llyriana?

Essa era exatamente a questão dela.

— Então não conheces o nome de nenhum deles?

— Não. Desculpa.

Effy tentou não parecer visivelmente desapontada. Sabia que era infantil fazer de P. Héloury a personificação de toda a sua amargura. Mas era terrivelmente injusto. Argant tinha sido inimiga de Llyr durante séculos. Porque é que um argantiano podia estudar literatura llyriana só porque era homem, mas ela não podia porque era rapariga? Porque é que era indiferente que ela conhecesse os livros de Myrddin de ponta a ponta, que tivesse passado quase metade da vida a dormir com *Angharad* na mesa de cabeceira? Que uma vez tentara fazer um espartilho de ferro para si mesma e colocara ramos de sorveira na soleira do seu quarto?

— Tudo bem — disse ela, mas o desgosto insinuou-se na sua voz de qualquer maneira. O rapaz encarou-a com perplexidade, por isso sentiu necessidade de se explicar. — É só que eu estava a tentar requisitar alguns livros sobre Myrddin…

— Oh — interrompeu ele. — Tu és uma das devotas de Myrddin.

O seu tom era depreciativo. O rosto de Effy enrubesceu.

— Gosto do trabalho dele. Muitas pessoas gostam.

— Muitas raparigas. — Uma expressão que ela não conseguiu decifrar surgiu no rosto dele. Ele olhou-a de cima a baixo. — Escuta, se quiseres a minha opinião sobre Myrddin ou qualquer outra coisa…

O seu estômago revolveu-se.

— Desculpa — disse ela. — Tenho mesmo de ir.

O rapaz abriu a boca para responder, mas Effy não esperou para o ouvir. Ela simplesmente pousou o atlas sobre a mesa e saiu apressada da sala, com o sangue a latejar-lhe nos ouvidos. Só depois de ter descido o elevador, passar pelas portas duplas da biblioteca e voltar para o frio cortante é que sentiu que conseguia respirar novamente. Aquela mesma voz interior dizia-lhe que estava a ser infantil, ridícula. Apenas algumas palavras, um olhar atravessado, e ela reagiu como se alguém a tivesse esfaqueado com uma faca.

A sua visão ficou embaçada durante todo o percurso de volta ao dormitório. Rhia não estava em casa e o seu próprio quarto encontrava-se quase vazio, tudo guardado no baú que ia levar para Saltney. A única coisa que deixara de fora tinha sido o seu exemplar de *Angharad*, com o marcador na página onde o Rei das Fadas se deitou com Angharad pela primeira vez. Ao lado, o seu frasco de vidro com os comprimidos para dormir.

Tirou um e engoliu-o em seco. Se não o fizesse, sabia que iria sonhar com o Rei das Fadas naquela noite.

Restava uma coisa a fazer.

A porta do escritório do seu conselheiro parecia mais larga e mais alta do que as restantes portas do corredor, como uma das letras ornamentais de um manuscrito antigo, embelezado, barroco e enorme em comparação com o texto pequeno e comum que se lhe seguia.

Effy levantou a mão e pousou-a sobre a madeira. Tinha intenção de bater, mas em algum momento o seu corpo desistira do objetivo traçado pela sua mente.

Não importava. Do outro lado ouviu-se um som arrastado, um palavrão murmurado, e depois a porta abriu-se.

O Mestre Corbenic ficou a olhar fixamente para ela.

— Effy.

— Posso entrar?

Ele assentiu com a cabeça uma vez, rigidamente, depois deu um passo para o lado para a deixar passar. O escritório dele estava como ela se lembrava: tão abarrotado de livros que só havia um caminho estreito da porta até à secretária, persianas empoeiradas fechadas de modo que apenas um raio de luz entrasse. Diplomas emoldurados alinhavam-se na parede como cabeças de animais empalhados.

— Por favor — disse ele —, sente-se.

Effy ficou, em vez disso, parada atrás da poltrona verde.

— Desculpe, não fiz nenhuma marcação de atendimento. Queria apenas… — Ela fez uma pausa, odiando o tom baixo da sua voz. As mangas do Mestre Corbenic estavam arregaçadas até aos cotovelos, expondo os pelos escuros do braço e o relógio de ouro que brilhava no pulso.

— Não há problema — disse ele, embora as suas palavras estivessem revestidas de uma frialdade que fez Effy querer encolher-se e desaparecer por aquela fresta minúscula nas persianas. — Calculei que voltaria mais cedo ou mais tarde. Ouvi falar do seu pequeno projeto.

— Oh. — O seu estômago contraiu-se. — Suponho que o reitor Fogg lhe contou.

— Sim. Ele voltou a falar comigo, milagrosamente. — A voz do Mestre Corbenic ficou ainda mais fria. — Saltney fica muito longe da cidade grande.

— Era sobre isso que queria falar consigo. — Ela começou a puxar alguns fios soltos da parte de trás da poltrona. — O reitor Fogg disse que eu podia ausentar-me seis semanas a partir das férias de inverno e conseguiu que o Mestre Parri concordasse em contar isso como nota, mas mesmo assim…

— Ele queria que o seu conselheiro aprovasse — concluiu o professor sem emoção. Os seus dedos, amassando o tecido branco da camisa, pareciam enormes.

Ela respirou fundo, apoiando-se na poltrona. Tinha puxado tanto o fio verde que parecia que estava a agarrar um emaranhado de trepadeiras. Mas a poltrona já estava em farrapos desde a primeira vez que a vira. No início do semestre, sempre que Effy voltava do escritório do

Mestre Corbenic, durante horas encontrava esses pequenos fios verdes presos no seu cabelo.

Lentamente, enfiou a mão no bolso e tirou o pergaminho dobrado.

— Eu só preciso da sua assinatura.

Pronto. Ela tinha-o dito. Imediatamente o seu peito ficou mais leve. O relógio de pêndulo no canto marcava os segundos, cada um deles caindo como uma gota de água da chuva no chão. A mão dela tremia enquanto lhe estendia o papel, e por um momento ele não disse nada, não fez nada, até que de repente cambaleou para a frente.

Effy, instintivamente, deu um passo para trás quando ele retirou o papel da mão dela.

O Mestre Corbenic deu uma risada baixa e curta.

— Oh, por amor dos Santos. Não há necessidade de agir como uma donzela envergonhada agora.

A sua pulsação estava tão alta e rápida que ela mal se ouviu dizer:

— Ainda é o meu conselheiro…

— Sim, e não é uma maravilha… tinha a certeza de que o reitor Fogg a dispensaria, ou demitir-me-ia.

— Eu não contei a ninguém — conseguiu dizer, com o rosto enrubescido.

— Bem, a notícia espalhou-se na mesma, não foi? — disse o Mestre Corbenic, embora tenha esmorecido visivelmente, recostando-se na secretária. Ele passou uma mão enorme pelo cabelo preto. — Encontrei-me com o reitor Fogg na semana passada. Ele estava muito zangado. Isto podia ter-me custado a carreira.

— Eu sei.

Ela sabia-o tão bem, era tudo em que pensava, quando ele se colocou ao lado dela naquela poltrona. Quando lhe tocou na nuca, quando a fraca luz do Sol refletiu na fivela do cinto dele, Effy só conseguiu pensar em como tudo aquilo era perigoso. O Mestre Corbenic era jovem, bonito, um dos queridinhos do corpo docente. Ele e o reitor Fogg tomavam chá juntos. Ele não *precisava* dela.

Mas, oh, ele fazia parecer que sim. «É tão bonita», dissera ele, e parecia quase sem fôlego. «É uma agonia vê-la entrar aqui todas as semanas, com os seus olhos verdes e o cabelo dourado. Quando se vai

embora, só consigo pensar no seu regresso e em como sobreviverei a ver algo tão lindo que não posso tocar.»

Segurara-lhe o rosto entre as mãos com tanta ternura quanto um curador de museu seguraria os seus artefactos. E Effy sentiu o coração saltar e palpitar da mesma forma que acontecia quando lia os seus excertos favoritos de *Angharad*, aquelas páginas marcadas com dobras.

— É tudo o que precisa de mim? — O Mestre Corbenic passou a caneta pelo pergaminho e devolveu-o, depois soltou uma risada mais baixa e curta. — Sabe o que penso, Effy. É uma miúda brilhante. Tem potencial, se mantiver a cabeça fora das nuvens. Mas uma aluna do primeiro ano, a assumir um projeto desta dimensão? Está além da sua capacidade. Não consigo entender por que razão a propriedade de Myrddin faria um apelo aos estudantes, em primeiro lugar. E… presumo que nunca esteve a sul de Laleston.

Effy abanou a cabeça.

— Bem. Cem Inferior é o tipo de lugar de onde as meninas fogem, e não para onde correm. Seria mais fácil ficar aqui em Caer-Isel e tentar melhorar as suas notas. Se precisar de explicações para as aulas do Mestre Parri, eu posso ajudá-la.

— Não — respondeu Effy rapidamente, guardando o pergaminho no bolso. — Está tudo bem.

O Mestre Corbenic olhou-a de uma forma inescrutável, a luz do Sol do fim da tarde refletindo-se no mostrador do seu relógio de pulso.

— É o tipo de rapariga que gosta de tornar a vida mais difícil para si mesma. Se não fosse tão bonita, já teria fracassado.

Effy saiu do escritório do Mestre Corbenic com os olhos a arder, mas recusou-se a chorar. No caminho de volta pelo átrio da faculdade, viu a lista de alunos, o seu apelido riscado e substituído por *puta*.

Depois de se certificar de que não vinha ninguém, Effy rasgou o papel, amachucou-o e levou-o para fora do edifício. O seu coração estava a bater forte. *Cem Inferior é o tipo de lugar de onde as meninas fogem, e não para onde correm.* Talvez ela estivesse a fugir. Talvez estivesse a tornar a vida mais difícil para si mesma. Mas não conseguia suportar o barulho da água da inundação nos seus ouvidos, a névoa que caía sobre os seus olhos, os pesadelos abafados apenas pelo poder aniquilador dos seus

comprimidos para dormir. Ela não era do Sul, mas sabia o que era afogar-se.

Passou pela biblioteca e foi até ao cais. Ficou ali, debruçada sobre o corrimão, o vento a soprar-lhe no rosto, e então atirou o papel amarrotado para o mar gelado do lago Bala.